

[TT01016]

O mendigo e o magnata

Rutinaldo Miranda Batista Júnior

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

O mendigo e o magnata

PEÇA TEATRAL

(COMÉDIA)

O MENDIGO E O MAGNATA

Rutinaldo Miranda Batista Junior

Copyright © todos os direitos reservados 2008

E-mail: rutinaldomiranda@hotmail.com

Tel.: 0(71)33988172 / 99057062

PERSONAGENS:

Severino, mendigo

Thomas, investidor

Dois bandidos

Um taxista

Um motorista

Um pai-de-santo

Dois playboys

O MENDIGO E O MAGNATA

Sentado, Severino pede esmolas. Estende o prato de alumínio a transeuntes invisíveis.

SEVERINO: Uma esmoola, uma esmoola pelo amor de Deus!... Ei, moço, um esmola... Ô, dona, cinco centavos, só cinco... gente, qualquer coisa aqui ó...

Thomas vem andando com um cachorro-quente numa mão e uma pasta, na outra. O celular toca, ele pára quase em frente a Severino.

THOMAS : Alô? Oi, George. Aplicou o meio milhão na bolsa?

SEVERINO : (pra Thomas) Ô, doutor, dez centavos.

THOMAS : (ignorando Severino) As ações já caíram tudo que deveriam cair. (empolgado) Agora, vão subir muito, meu amigo..

SEVERINO : Ei, doutor. Dezinho, dezinho, doutor.

THOMAS : Não, George 20% é pouco. Acredite, vão subir ainda mais. Subir não, decolar. Aposto numa valorização de 40% no mínimo. Ah, que taxa maravilhosa!

SEVERINO : Doutor, ô doutor. Agora me dá só cinco centavos. Era dez, agora é cinco. Uma desvalorização de 50% na esmola. A minha taxa ainda é melhor que a tua.

THOMAS : Tá certo. Aplica também os outros trezentos mil em CDB.

Thomas desliga o celular, morde o cachorro-quente. O molho cai no paletó.

THOMAS : Ah, que droga. Olha só!

Severino solta uma gargalhada. Thomas olha pra Severino com repulsa.

THOMAS: Que foi? Algum problema?

SEVERINO : Não, é que eu só tava reparando. (estendendo abruptamente o prato) Mas, doutor...

Thomas dá um pinote pra trás, assustado.

THOMAS: (olhando pros lados) Ei, vou chamar a polícia!

SEVERINO : A polícia?! É só uma esmola. Dez centavos, mas se tiver só cinco, eu aceito.

THOMAS: (cínico, apalpando os bolsos) Desculpe, não tenho dinheiro.

SEVERINO : Ah, deu pra perceber!

THOMAS: (começa a andar) Agora , se me der licença...

SEVERINO : Doutor!

THOMAS : (pára) Que foi?

SEVERINO : Será que pode me dar um pedacinho desse cachorro quente?

THOMAS : Olha, rapaz. É uma pena, mas só tenho esse. Se tivesse dois, juro que te dava um.

Dois bandidos vêm em direção a Thomas.

SEVERINO : Ah, tá. Quanta bondade, vai com Deus.

Severino fica estendendo o prato pros transeuntes invisíveis. Thomas segue caminho, tromba num dos bandidos.

O mendigo e o magnata

BANDIDO 1 : Ei, ricaço, olha por onde anda.

THOMAS : Ah, desculpa. (vai se safando) Perdão, mil desculpas.

BANDIDO 2 : (segurando Thomas, pelo braço) Peraí, onde tu pensa que tá indo?

THOMAS : Trabalhar, (apontando o relógio) tô atrasado.

O Bandido 2 solta Thomas.

BANDIDO 1 : Relaxa. Pra que tanta pressa?

BANDIDO 2 : O estresse mata, não sabia?

THOMAS : Eu sei, mas infelizmente, tenho mesmo que ir. Essa nossa conversa fica pra outro dia.

Thomas vai saindo, mas o bandido 2 o segura pelo braço.

BANDIDO 2 : Tu tá indo pra onde?

BANDIDO 1 : Deve ser pra tuas empresas, né?

THOMAS : Não sou empresário. (abanando a cabeça) Não, não. (risinho sem graça) Ah, quem dera!

BANDIDO 2 : Mas pra vestir um paletó grã-fino desses, tu deve ter muito dinheiro.

THOMAS : (dá uma gargalhada) Eu com muito dinheiro? Nada disso, esse aqui é só o meu uniforme de trabalho.

BANDIDO 2 : Ah, é? E tu faz o quê?

THOMAS : Eu sou pastor, irmãos.

BANDIDOS : Pastor?!

THOMAS : Claro. (olhando pro alto) Louvado seja o Senhor.

BANDIDO 1 : Hum... sei não! (pro Bandido 2) O que tu acha?

BANDIDO 2 : Eu jurava que era um ricaço.

THOMAS : Então, tá explicado. Tudo não passou de um mal-entendido (vai saindo).

BANDIDO 1- (segura Thomas pelo braço) Peraí. O que é que tem nessa pasta?

THOMAS : Que pasta?

BANDIDO : Essa aí que tu tá segurando.

THOMAS: (mostrando a outra mão com o cachorro quente) Mas isso é um cachorro-quente!

BANDIDO 2 : Tá tirando com a nossa cara? Tamo falando dessa pasta na outra mão.

THOMAS : (levantando a pasta) Ah, essa pasta... só é material de trabalho.

BANDIDO1 : Abre aí.

THOMAS : Pra quê? Só tem papel sem valor.

BANDIDO 2: (pondo um canivete no pescoço de Thomas) Vai abrir por bem ou por mal?

THOMAS : Tá, eu abro!

O Bandido 2 guarda o canivete. Thomas abre a pasta, tira algumas folhas.

THOMAS: Olha só, é um monte de papel inútil.

BANDIDO 1: (pegando uma folha, aproximando do rosto de Thomas) E o que tá escrito aqui?

THOMAS : É, deixa eu ver. Saldo Credor.

BANDIDO 1 : Saldo?...

BANDIDO 2 : Credor?

THOMAS: Quê? Saldo Credor?! Não, vocês ouviram mal. Eu disse Salmo do Senhor. Esse aqui é o salmo... é o salmo 300 euros, quer dizer, 300 apenas.

Os bandidos se entreolham, desconfiados.

THOMAS : Quer que eu leia? Vou ler. Olha só: glória, glória, aleluia, glória, glória, aleluia...

BANDIDO 1: (tirando a folha de Thomas e entregando ao Bandido 2) E aí, o que tu acha?

BANDIDO 2 : Sei lá, também não sei ler.

SEVERINO: (levantando a mão) Eu sei.

BANDIDO 1 : Sabe mesmo?

Severino balança afirmativamente a cabeça.

THOMAS : Não, ele não sabe! Olha só, é um mendigo, nunca deve ter ido à escola. Com certeza, nem sabe quem descobriu o Brasil.

SEVERINO : Pedro Álvares Cabral.

BANDIDO 2: (pra Thomas) E aí?

THOMAS : Ora essa foi fácil. Todo mundo sabe quem descobriu o Brasil. Se não souber, é porque é burro mesmo.

BANDIDO 1 : Eu não sabia.

BANDIDO 2 : Nem eu.

THOMAS : Bem, claro que isso não se aplica a vocês!

BANDIDO 1: (entregando a folha a Severino) Lê aí, mano.

SEVERINO: (segurando a folha) Eu queria, mas não posso.

BANDIDO 2: (ameaçador) E por que não?

SEVERINO : É que eu tô com tanta fome, que ela já subiu pras vistas... se pelo menos eu tivesse um cachorro-quente pra comer!

BANDIDO 1 : Me dá esse rango aí do engravatado.

O bandido 2 entrega o cachorro-quente ao bandido 1.

BANDIDO 1 : (entregando a Severino) Toma.

Severino começa o comer em pequenas mordidas.

BANDIDO 2: (olhando pros lados, preocupado) Come logo essa joça!

SEVERINO : Será que não dá pra arranjar um refrigerantezinho pra molhar a goela?

BANDIDO 1 : Não, não dá. Come logo.

SEVERINO: (deixando de comer) Minha garganta tá muito seca. Sem refrigerante, não dá pra descer nada.

BANDIDO 1- (pro bandido 2) Tem algum trocado aí?

O mendigo e o magnata

BANDIDO 2 : Se eu tivesse, não tava roubando.

BANDIDO 1 : Pega do grã-fino.

BANDIDO 2: (botando o canivete no pescoço de Thomas) Passa um trocado.

THOMAS : Quer dizer que eu é quem vou pagar o refrigerante desse desocupado?

BANDIDO 2 : Passa logo.

SEVERINO: (irônico) Mas o coitadinho nem tem cinco centavos!

BANDIDO 2 : Tem sim. Porque se não tiver, eu sangro.

THOMAS : Espera, espera! O dinheiro tá aqui no meu bolso... é que eu tinha esquecido.

SEVERINO : É como eu sempre digo. Nada como um canivete na garganta pra deixar qualquer um generoso.

O Bandido 2 mete a mão no bolso do paletó de Thomas, pega algumas cédulas e entrega ao Bandido 1.

BANDIDO 1: (pro bandido 2) Fica aí, eu volto já.

BANDIDO 2: (olhando pros lados) Vê se não demora.

SEVERINO: (pro Bandido 2) Faz muito tempo que vocês tão nessa... nessa profissão?

BANDIDO 2 : Eu já tô há dois anos. Mas ele tá há cinco. Foi quem me chamou pra trabalhar nesse ofício. A gente é primo.

THOMAS: Ah, então é um negócio em família.

BANDIDO 2 : Mais ou menos. Às vezes, a gente esquece que é parente. Ele tenta me roubar, eu tendo roubar ele. É um rouba daqui, um rouba dacolá. Aí, o clima fica tenso.

THOMAS : Vocês acabam brigando.

BANDIDO 2 : Que brigar, que nada! Esqueceu que a gente é primo? Brigar é muito feio. Mas ele me chama de ladrão e eu digo que o ladrão é ele.

THOMAS : Só?!

BANDIDO 2 : Ah, pra mim não é pouco. Fico sentido, quando ele me chama de ladrão. Logo eu, um pai de família, que sai pra roubar às seis da manhã e chega em casa de noitinha! Não mereço esse tratamento. Eu trabalho feito um condenado, quer dizer (dá tapinhas na boca) condenado, não. Jamais!

SEVERINO : A vida tá mesmo difícil pra todo mundo (olhando pra Thomas) ou quase todo mundo.

BANDIDO 2 : Nem me fale, mano. Tenho onze boca pra alimentar.

THOMAS : Onze?! Mas é o quê? Um time de futebol?

BANDIDO 2 : Não. Minha patroa e nossos dez herdeiro.

THOMAS : Você tem dez filhos?!

BANDIDO 2 : Dez e meio. Fizemo outro semana passada.

THOMAS : Mas parece tão jovem. Quantos anos você tem?

BANDIDO 2 : Vinte e três.

THOMAS : Vinte e três e com dez filhos?!

SEVERINO : Dez e meio.

THOMAS : Mas como você consegue?

BANDIDO 2 : (gabando-se) Ora, a mulher me chama pro amasso, aí já era.

THOMAS : Não, digo, como sustenta tanta gente?

BANDIDO 2 : Ah, não vê que tô te roubando pra isso?

SEVERINO : Pois se eu tivesse dinheiro, não negava esse leite das crianças. Entregava tudo que tinha.

BANDIDO 2 : Obrigado, pela compreensão.

THOMAS : Mas roubar é errado!

BANDIDO 2 : Vai me dar lição de moral agora, é? Devia tá me dando o maior apoio, como o mano ali.

SEVERINO : Deixa pra lá. Tem gente que não tem coração.

BANDIDO 2: (olhando de soslaio pra Thomas) Não tem mesmo. Pois se eu descolar uma grana hoje, vou comprar uma bicicleta pro meu filho, Julinho, que me pede há cinco anos.

SEVERINO : Nossa! Vai realizar o sonho de uma criança. Que coisa linda!

BANDIDO 2 : Acha mesmo?

SEVERINO : (apontando o braço) Me arrepio todo só em pensar.

BANDIDO 2 : A situação tá preta, mas vou conseguir.

SEVERINO : Vai, sim. Só que se eu fosse você, investia no futuro. Me especializava no ofício, fazia uma pós, um mestrado.

BANDIDO 2 : É, quem sabe. Vou pensar. (pra Thomas) Ei, grã-fino, que faculdade você me indicaria? Reconhecida pelo MEC, é claro.

THOMAS : Faculdade pra você?! Mas eu não conheço nenhuma Faculdade pra Ladrão (o Bandido 2 lhe dirige um olhar furioso) Não, não! Ladrão, não! Eu me esqueci que você é um pai de família que sai pra roubar às seis da manhã e chega em casa de noitinha. O mais apropriado seria uma Faculdade de Cleptomania, mas não conheço nenhuma. Fiz Administração de Empresas.

SEVERINO: Olha só, ele diz que é pastor, mas fez que Administração de Empresas. Isso é muito suspeito.

THOMAS: Fiz Administração de Empresas pra cuidar (olhando pra cima, com as mãos levantadas) dos negócios do Senhor, (pra Severino) seu linguarudo!

O Bandido 1 aparece, segurando um copo de refrigerante.

BANDIDO 1 : Aqui está o refrigerante.

SEVERINO : É diet ou light?

BANDIDO 1 : O quê?

SEVERINO : Eu prefiro diet. A gente tem que se cuidar.

BANDIDO 1 : Num entendo desse negócio de "dátí" nem "láti", mano. O que sei foi que trouxe o guaraná.

SEVERINO : Mas se meus níveis de açúcar estiverem altos?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

O mendigo e o magnata

BANDIDO 2: Bebe logo essa merda, que eu já tô perdendo a paciência!

SEVERINO: Tá, tá. Eu bebo.

Severino dá um gole, começa a comer.

BANDIDO 1: (pros lados, preocupado) Come logo!

SEVERINO : Desse jeito, vocês vão me fazer ficar entalado. Aí, eu morro sem ar e nada de ler (aponta a folha no chão) esse papel.

THOMAS : É, ele tem razão. Melhor comer devagar mesmo... (introspectivo) só assim, dá tempo da polícia chegar.

BANDIDO 2: (botando o canivete no pescoço de Thomas) O que você disse?!

THOMAS : Eu? Nada não!

O Bandido 1 põe as mãos na cintura. Todos ficam olhando pra Severino.

SEVERINO : (terminando de mastigar, balançado a cabeça) Hum... bom!

(lambe os dedos, bebe o último gole, dá um arrote. Olhando pra todos e passando a mão na barriga, satisfeito). Beleza!

BANDIDO 1 : E, então? Tá enxergando melhor agora?

SEVERINO: (pegando e olhando a folha) Perfeitamente.

THOMAS : Ei, tem certeza mesmo? Talvez você esteja enxergando as palavras, mas não reconhece as letras.

SEVERINO : Sem problema. (apontando) Essa daqui é um A, essa outra é um B...

BANDIDO 1 : Vai, lê pra gente o que tá escrito aí.

THOMAS : Vocês vão ouvir o Salmo da nossa Salvação.

SEVERINO: (irônico) Ou da tua Perdição.

BANDIDO 2 : E aí, mano, desembucha logo.

SEVERINO : Tá, eu vou ler. Aqui diz o seguinte...

THOMAS: (botando a mão no peito) Peraí, que eu tô com uma dor aqui no peito!

Todos olham pra Thomas, que fica se contorcendo.

THOMAS : Me ajudem. Acho que vou morrer!

SEVERINO : Clama, não seja tão apressado. Ainda nem li.

THOMAS: (pros bandidos) Vocês vão me deixar assim à míngua, sem socorro?

BANDIDO 1- (indeciso, pra Severino) E, ai, mano, o que a gente faz?

SEVERINO : Se eu fosse vocês, nada. Olha só que sorte!

BANDIDOS : Sorte?!

SEVERINO : Claro. Isso que é um homem sortudo. Vejam como Papai do Céu tá chamando ele. E como é pastor, vai diretinho pro Paraíso.

BANDIDO 1- (indeciso) É nada mesmo que a gente faz?

SEVERINO : Ora, e vão impedir essa criatura (estende uma mão pro alto. Olhando pra cima) de viajar pro Criador?... (pros bandidos) deixa morrer.

BANDIDO 1 : Mas tá demorando.

BANDIDO 2: (com o canivete no pescoço de Thomas) Eu posso abreviar essa viagem!

Thomas deixa de se contorcer.

THOMAS : (recompondo-se) Não! Eu já estou melhor. Bem melhor. Felizmente, não é dessa vez que vou (apontando pro alto) lá pra cima.

SEVERINO : Ah, que pena! Estávamos torcendo pra que a viagem fosse boa.

O Bandido 1 pega a folha no chão, bota na mão de Severino.

BANDIDO 1 : Agora, continua o que ia fazer.

THOMAS : Esperem! Antes quero que saibam de uma coisa muito importante.

BANDIDO 1 : Vai ficar pra depois da leitura.

THOMAS : Mas é um recado lá do alto, dito especialmente pra vocês.

SEVERINO: (com mão no ouvido, debochando) Eu não ouvi nada!

THOMAS : Não foi pra você. Foi pra eles.

SEVERINO : Ah! Então, com certeza eles ouviram.

BANDIDO 2 : Eu não ouvi.

BANDIDO 1 : Muito menos eu.

THOMAS : É que foi um recado celestial. Só pode ser ouvido por alguém do ramo, um pastor como eu.

BANDIDO 1: (curioso) E o que dizia?

THOMAS : Dizia que lá no céu todo mundo é igual, pobre ou rico. Mas que aqui na terra, Deus acha até natural alguns terem milhões a mais que os outros. Principalmente investido na bolsa, em ações...

BANDIDO 2: (furioso, com o canivete no pescoço de Thomas) Deus que me perdoe, mas odeio esses safados que nadam na grana e a gente não tem nada. Se eu pegar, eu sangro.

THOMAS : Não diga isso, irmão! Deus é que permite uns com dinheiro, outros, não.

SEVERINO : Também uns com pescoço, outros sem.

BANDIDO 1 : Ok, o recado foi dado. Mas ainda quero saber o que tá escrito nesse papel.

THOMAS : Por favor, antes queria dizer que também há um recado (apontando pra Severino) pra ele, que eu acabei esquecendo.

SEVERINO : Nossa, esse homem tem uma conexão banda larga com o além. Fala aí o recado.

THOMAS : Ama o teu semelhante como a ti mesmo, entendeu?

SEVERINO : Entendi. Quando aparecer outro mendigo aqui na rua, vou pôr esse teu recado em prática... (olhando pra folha) Bem, agora vamos ao que interessa. Aqui diz que...

THOMAS: (pulando, fervoroso) Aleluia, aleluia, aleluia!

Todos olham pra Thomas.

THOMAS : (dando um sorriso sem graça) É a empolgação da fé.

SEVERINO : Como eu ia dizendo....

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

O mendigo e o magnata

THOMAS: (vibrando) Aleluia, aleluia e aleluia!

SEVERINO: (dobrando a folha) Assim, não dá. Esse pastor tá empolgado demais.

BANDIDO 2: (pra Thomas) Tu não vai dar mais um pio.

THOMAS : Essa boca é santa. Não podem me calar de jeito nenhum..

O Bandido 1 se aproxima de Thomas.

BANDIDO 1 : Se a gente não pode calar, então, vai escancarar.

THOMAS : O quê?!

BANDIDO 1 : É bastante simples (pega algumas folhas na pasta, rasga e faz bolinhas de papel) Agora, diz A.

THOMAS: (botando a mão no queixo) Ai, não posso. Meu dente começou a doer.

BANDIDO 1 : Tudo bem... (pisa com força no pé de Thomas)

THOMAS : AAAAAAAA....

BANDIDO 1 : A gente dá um jeitinho (entupindo a boca de Thomas com bolinhas) Pronto, escancarou de vez.

SEVERINO : Reconheço que foi uma idéia bastante original.

BANDIDO 2 : (rindo) Olha só como ficou bochechudo!

BANDIDO 1 : (pra Severino) Agora, lê isso aí.

Thomas tira um lenço do paletó e começa a limpar o suor do rosto, desesperado.

SEVERINO : Bem, como eu ia dizendo, aqui tem o Salmo 300. Glória, glória, aleluia, (Thomas deixa cair, surpreso, o lenço) glória, glória, aleluia...

BANDIDO 1: Hi, acho que demo uma mancada.

BANDIDO 2: Ele é mesmo um pastor!... Será que a gente vai pro inferno?

BANDIDO 1 : Não, não vai. (tirando as bolinhas da boca de Thomas) Foi só um mal-entendido. Tá tudo perdoado, não é pastor?

THOMAS : (sem bolinhas na boca) Claro. Agora, por favor, peguem minha pasta e os papéis.

Os Bandidos dão as costas. Enquanto botam os papéis e o lenço na pasta, Thomas dá o dedo, com as duas mãos, pra eles.

SEVERINO : Ah, como a fé é cega!

Os bandidos se viram.

BANDIDO 1: (entregando a pasta pra Thomas) Mais uma vez, desculpa aí, pastor. A gente não sabia mesmo.

BANDIDO 2 : É, eu jurava que tu era um ricoço.

BANDIDO 1 : E olha que ele nunca errou... (chateado, pro Bandido 2) só agora!

THOMAS: (paternal) Tudo bem, há sempre a primeira vez.

BANDIDO 2 (ajeitando o colarinho de Thomas) : Agora, o senhor vai pra sua casa, que gente vai pra nossa e tá tudo quite.

THOMAS: (fingindo estar concentrado, olhando a pasta) : Mais ou menos.

BANDIDO 1 : Como assim?

THOMAS : (abre a pasta, tira uma folha, bota na cara dos bandidos) Vêem isso?

Os bandidos balançam prontamente a cabeça.

THOMAS : É o salmo cinco mil quinhentos e vinte e três, podem ler.

BANDIDOS : Mas a gente não sabe.

THOMAS : É, eu sei que vocês não sabem e isso é uma pena. Porque aqui no salmo cinco mil quintos e vinte e dois...

SEVERINO : Não era vinte e três?

THOMAS : Ninguém pediu tua opinião. Vinte e dois, vinte e três, tudo é a mesma coisa... Bem, como eu dizendo, aqui nesse salmo diz que a agressão a um pastor é um pecado grave.

BANDIDO 2: (temeroso) Quer dizer que vamo pro inferno?

THOMAS : Não.

O Bandido 2 suspira aliviado.

THOMAS: É o inferno é que vem até vocês.

BANDIDO 2: Mas que conversa doida é essa, homem?!

THOMAS : Conversa, não. É a palavra santa. A qualquer momento pode abrir um buraco aí no chão e engolir vocês.

Os bandidos ficam olhando pro chão, ao redor, apavorados.

BANDIDO 1 : E o que a gente faz pra sair dessa enrascada?

THOMAS : Só com uma benção forte de uma Bíblia na cabeça.

BANDIDO 2: (desesperado) Então, abençoa a gente logo.

THOMAS : Aí é que tá o problema. Tô sem a minha Bíblia, a não ser que...

BANDIDOS : A não ser que o quê?

THOMAS : A não ser que eu use outra coisa no lugar (se abaixa e pega uma pedra enorme) como essa pedrinha aqui, por exemplo.

BANDIDO 1 : Ai, não tem outra menor, não?

THOMAS : Infelizmente, irmão, para grandes pecados, grandes penitências.

BANDIDO 2 : Então, tá certo. Eu topo.

BANDIDO 1 : E eu também. Mas vai depressa, que eu não quero desaparecer nesse chão feito tatu.

THOMAS : Irmãos, baixem as cabeças (os bandidos baixam as cabeças) Preparados? (os bandidos balançam as cabeças afirmativamente) Vai ser em latim. (dando duas pedradas na cabeça do Bandido 2) Otárius, Otárius! (o Bandido 2 dá um gemido e põe a mão no lugar das pancadas. Thomas dando duas pedradas mais fortes na cabeça do Bandido 1) Safadus, safadus! (o Bandido 1 dá um forte gemido e põe as duas mãos no lugar das pancadas) Bem, agora sim, acho que estamos quites.

Os bandidos cambaleiam, grogues.

SEVERINO : Eu quero passar longe dessa tua igreja.

O mendigo e o magnata

THOMAS: (pra Severino) Viu como se dá o troco, quer dizer, a benção?

SEVERINO : Por falar em dar alguma coisa, (estende o prato), não tem nada pra esse pobre cristão, pastor?

THOMAS : É mesmo! Já ia até me esquecendo de você.

SEVERINO : Ah, eu refresco a tua memória. Se não quiser dar em dinheiro, aceito cheque especial ou ação ao portador.

THOMAS : Vou te dar uma coisa melhor. (cata as bolinhas tinham sido colocadas na boca) Aqui está (despeja no prato). Essa é a maior riqueza da humanidade: material reciclável. Você junta um monte dessas bolinhas, fatura uma grana e ainda salva o planeta. Não é uma maravilha?

Os bandidos pegam algumas bolinhas e ficam olhando, aluados.

SEVERINO: Tô achando essa maravilha maravilhosa demais. Quanto é que vão me pagar por cada uma dessas bolinhas?

THOMAS : Por cada uma eu não sei, mas deixa eu dar uma olhada (consulta algumas folhas na pasta, examina uma) A melhor cotação tá no Senegal, valendo vinte e oito centavos a tonelada.

SEVERINO : Quer dizer que além de juntar uma tonelada, eu vou ter que ir vender essas bolinhas no Senegal?... E por vinte e oito centavos!

THOMAS : E como é na África, ainda pode curtir um safári. Se eu fosse você, começava a juntar desde agora, enfiava as bolinhas num saco.

Os bandidos começam a coçar a cabeça, voltando ao normal.

SEVERINO: (mostrando uma bolinha pra Thomas) Quer saber mesmo onde quero enfiar essas bolinhas?

THOMAS : Desculpe, mas não tenho mais tempo pra conversa. Wall Street, quer dizer, a minha igreja me aguarda.

Severino abre o papel amassado de uma bolinha.

THOMAS : (pros bandidos) Foi um prazer conhecer vocês, irmãos. Mas, sabe como é, sou um pobre pastor, tenho de trabalhar.

Thomas vai se retirando.

SEVERINO : Olha só, ele faturou cem mil.

O Bandido 1 segura Thomas pelo braço.

BANDIDO 1 : Cem mil?!

THOMAS : Eu não sei do que ele está falando.

BANDIDO 2: (puxando o canivete pra Thomas) É bom tratar de saber!

BANDIDO 1: Que história é essa dos cem mil?

BANDIDO 2 : E não era tu um pobre pastor?

SEVERINO : Bem, (apontando pro papel) é o que tá escrito aqui. Faturamento da igreja: cem mil.

BANDIDO 1 : Vai ter de explicar direitinho essa história.

THOMAS : Peraí, vocês vão acreditar nele? Ele é só um mendigo e...

SEVERINO : Antes de me perguntar, vou logo dizendo que foi Pedro Álvares Cabral.

BANDIDO 2 : (ambicioso) Cem mil é muito dinheiro, pastor!

THOMAS : Mas vocês ouviram, foi o faturamento da igreja. Tudo dízimo dos irmãozinhos, pra (eleva as mãos pra cima) engrandecer a obra do Senhor.

SEVERINO : (de olho no papel) Não é o que diz aqui. Por acaso a obra do senhor é um paletó italiano, sapato inglês e uma cueca francesa? (pros bandidos) Pelo menos foi o que ele comprou com parte do dinheiro.

BANDIDO 2: Tu comprou cueca francesa, com o dinheiro dos fiéis?!

BANDIDO 1:Tô vendo que em matéria de ladroagem a gente é fichinha.

THOMAS : Calma. Ele mesmo disse que isso foi só uma parte do dinheiro.

SEVERINO : Tem razão, ainda sobrou vinte mil.

BANDIDO 1: (enfiaando a mão nos bolsos de Thomas) E onde tá essa grana?

THOMAS : Deve ter sido usada na assistência social.

SEVERINO : Não, (de olho no papel) não é o que diz aqui. (pros bandidos) O dinheiro ia mesmo ser usado na assistência social, mas (de olho no papel) foi usado na assistência social do próprio pastor.

THOMAS : Como é que é?!

SEVERINO : Era pra ajudar criancinhas esfomeadas.

BANDIDO 2 : E daí?

SEVERINO : O pastor gastou o dinheiro todo indo pra Disneylândia.

BANDIDO 1 : E as criancinhas esfomeadas?

SEVERINO : Coitadinhas! Morreram de fome.

BANDIDO 2 : Tu foi pra Disneylândia e deixou as criancinhas morrer de fome! (botando o canivete no pescoço de Thomas) E vou te sangrar, infeliz!

THOMAS: (se debatendo) Não! É mentira dele, é mentira dele!

BANDIDO 1: (segurando o braço do Bandido 2) Espera. É melhor não furar esse safado. (olhando ao redor pro chão, temeroso) Lembra o que dizia a Bíblia do chão se abrir e engolir, a gente? Por via das dúvidas, melhor não brincar com coisa séria.

BANDIDO 2: (pro Bandido 1) E agora?

THOMAS: Agora, os senhores vão pra casa, eu vou pra minha e tá tudo quite.

SEVERINHO : Ah, como o pastor é um sonhador!

BANDIDO 1: (pro Bandido 2) Vamo depenar

BANDIDO 2: Oba! Depenar é comigo mesmo. (metendo mão no bolso de trás de Thomas e tirando a carteira) Passa a carteira.

O Bandido 2 pega a carteira, entrega ao Bandido 1, que abre.

BANDIDO 1 : (tirando dólares) Nunca vi essa nota com a cara desse velho. (olha a nota intrigado. Pra Severino, mostrando uma cédula).

O mendigo e o magnata

Já viu esse dinheiro, mano?

SEVERINO : O velho é desnutrido?

BANDIDO 1 : Não.

SEVERINO : Tem todos os dentes na boca?

BANDIDO 1 : Tem.

SEVERINO : Tira uma pose de rico?

BANDIDO 1 : Tira.

SEVERINO : Ah, então é o dólar.

BANDIDO 2: Do lar?

SEVERINO: Não, dólar... dinheiro de gringo.

BANDIDO 1 : Oba, se é de gringo a gente vai gastar tudo no "Macdonaldi".

BANDIDO 2 : E eu vou levar o Julinho pra comer um bigmac.

THOMAS : Vocês não podem fazer isso.

BANDIDO 2 : Por quê? Quem mal tem em comer um big?

THOMAS : Não estou falando de comer sanduíche. Vocês não podem é me roubar!

BANDIDO 1 : Desculpa, mas esse é o nosso trabalho.

BANDIDO 2 : E a gente como profissional. Gosta de fazer bem feito. (abana a cabeça, lastimando) Pena que não tenho uma roupa bacana pra sair com o Julinho.

SEVERINO : Que tal um terno?

BANDIDO 2 : (olhando o terno de Thomas, cobiçoso) Eu não tinha pensado nisso! (pro Bandido 1) Vamo levar essa roupa bonita dele também.

BANDIDO 1- (olhando pros lados, frustrado) Mas aqui não tem nenhum beco pra gente esconder ele e fazer o serviço.

SEVERINO : (ajeitando um papelão enorme ao seu lado) Ah, esse meu papelão de dormir é tão grande, que parece uma parede.

Os bandidos se entreolham, sorridentes.

BANDIDO 1 : Ei, mano. Pode emprestar esse teu papelão?

THOMAS : Não, ele não pode! Não tão vendo que é o papelão de dormir?

SEVERINO : (pros bandidos) Esse papelão? Claro, eu nem tô com sono mesmo.

O Bandido 1 pega o papelão e o segura, transformando num biombo.

BANDIDO 1 : Prontinho, traz ele.

BANDIDO 2 (arrastando Thomas pelo braço) : Vamo nessa.

THOMAS: (corajoso) E se eu não quiser ir?

BANDIDO 2: (mostrando o canivete) Vai se arrepender.

THOMAS : Calma, era só uma suposição.

Thomas e o Bandido 2 vão pra trás do papelão. O Bandido 1 fica em frente.

BANDIDO 2: (dando o paletó pelo lado do biombo) O paletó. (dando a camisa)

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

A camisa. (dando a calça) A calça. (dando os sapatos) Esses pisantes pode se inglês, mas tem um chulé danado. A meia vai ficar de brinde.

O Bandido 1 segura a roupa num braço, e na mão do outro os sapatos.

BANDIDO 1: (levantando um pouco os sapatos, fazendo careta) Nossa, mano!

Esse sapato nem urubu vai querer.

BANDIDO 2 : Acho que já fizemo a limpeza.

SEVERINO : E a cueca?

THOMAS : Não, a cueca, não! (mostra as mãos em prece) Por favor!

BANDIDO 2 : Olha, do jeito que ele tá se tremendo, deve tá toda borrada.

SEVERINO : Que pena! Logo uma cueca francesa!

BANDIDO 2 : Francesa ou brasileira, se tá cagada, fede do mesmo jeito!

BANDIDO 1 : Mas se é francesa, vale uma nota.

BANDIDO 2 : E quem vai querer uma cueca suja?! Eu não quero.

SEVERINO : Se der uma lavadinha, dá pra vender no brechó.

BANDIDO 2 : Tá bom, tá bom. (pra Thomas) Ei, tira a cueca.

THOMAS : Não, a cueca, não.

BANDIDO 2: (empunhando o canivete pra cima) Tira logo!

Pausa. O Bandido 2 começa a rir.

BANDIDO 1 : Que foi?

BANDIDO 2: (rindo) Tu não vai acreditar.

BANDIDO 1 : Diz logo o que é.

BANDIDO 2 : Ele tem o saco roxo.

BANDIDO 1 : Roxo?!

BANDIDO 2 : Roxinho, feito uma berinjela.

SEVERINO : Hi, um saco roxo também pode valer uma nota.

THOMAS: Não! Pelo amor de Deus, não! Deixem o meu saco roxo em paz!

BANDIDO 1 : Ele tem razão, tirar o saco de um homem é judiação demais.

BANDIDO 2 : E se valer uma nota?

SEVERINO : (pro Bandido 1) É, e se valer uma nota? (pro Bandido 2) Lembra da bicicleta do Julinho.

THOMAS : Não, não lembra, não! O que vocês me roubaram já dá pra compra uma, duas, uma fábrica inteira de bicicletas!

BANDIDO 2 : É, acho já deu pra comprar a bicicleta mesmo. (dando a cueca pro Bandido 1) Toma essa porcaria.

Som de uma distante sirene de polícia.

BANDIDO 1: (olhando pros lados, preocupado) Acho melhor a gente ir embora.

O Bandido 2 sai detrás do papelão. Severino estende o prato.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

O mendigo e o magnata

SEVERINO : Uma esmola pelo amor de Deus.

BANDIDO 1: (entregando a carteira ao Bandido 2) Dá um trocado pro mano.

BANDIDO 2: (tirando um dólar a contragosto) Tá bem, mas só um Do Lar.

THOMAS : É dólar, ignorante.

O Bandido 2 põe o dólar no prato de Severino.

SEVERINO : Agradecido.

Som de uma distante sirene de polícia.

BANDIDO 2 : Agora, vamo nessa.

Vão andando e o Bandido 1 nota a pasta no chão.

BANDIDO 1 : E a pasta?

BANDIDO 2 : Deixa comigo (pega a pasta).

Os dois bandidos saem correndo. Pausa.

THOMAS : (pra si mesmo) Essa não! O que faço agora?

Severino fica estendendo o prato pros transeuntes invisíveis.

THOMAS : Vou pedir ajuda (sai escondido do palco atrás do papelão).

Ouve-se um grito fortíssimo e apavorado de mulher.

THOMAS : (vindo atrás do papelão, assustado, olhando de onde veio) Não, minha senhora, eu não sou tarado, não! Desculpa. Foi o papelão, foi o papelão que caiu! (se posta onde estava, ao lado de Severino)

SEVERINO: (pedindo esmolas aos transeuntes invisíveis) Uma esmoola pelo amor de Deus.... uma esmoliinha... uma esmoola.

THOMAS : Ai, que situação! Me deixaram só de meia. Não tenho nenhum trocado pra ligar, pedindo ajuda.

Alguns instantes de silêncio.

THOMAS: (mostrando a cabeça pelo lado. Pra Severino) Ei! (assovia)

Severino finge que não escuta, estendendo o prato.

THOMAS : Ô, seu mendigo safado!

SEVERINO: (com o prato estendido) Uma esmoola... uma esmoliinha.

THOMAS : Ô, infeliz. Não tá me vendo, não?

SEVERINO : (com falsa surpresa) Ah! Oi, pastor.

THOMAS : Que pastor! Sabe muito bem que não sou pastor coisa nenhuma!

SEVERINO : Quer dizer que largou a igreja?... Ah, homem de pouca fé!

THOMAS : Escuta (apontando pro prato) Me dá esse dinheiro aí.

SEVERINO : Me desculpa, mas não dou esmola.

THOMAS : Como assim não dá esmola?! Esse dinheiro é meu!

SEVERINO: (apontando pra cédula no prato) Esse dólar aqui?

THOMAS : Esse mesmo. Passa pra cá.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

SEVERINO : Infelizmente, está fora de questão. Ganhei honestamente.

THOMAS : Ganhou como?!

SEVERINO : De um trabalhador que acorda às seis da manhã pra roubar e chega em casa só de noitinha. Além do mais (estica, olhando orgulhoso a cédula) é a minha primeira esmola internacional.

THOMAS : Mas foi roubada de mim!

SEVERINO : Por acaso, está insinuando que eu lhe roubei? Está insinuando que eu sou um ladrão? Que eu te pus um trezoitão no peito e tomei essa nota? Calúnias desse tipo rendem processos por danos morais, sabia?

THOMAS : Não, não foi isso que eu quis dizer.

SEVERINO : Então, estamos acertados. Eu fico com o meu dólar e você, com o papelão.

THOMAS : Quê?!

SEVERINO : Desculpa, mas não posso ficar jogando conversa fora (estendendo o prato) Estou no meu horário de expediente.

THOMAS: (furioso) Mas esse dinheiro é meu. Eu vou levar e ponto final.

SEVERINO: (pondo as mãos pro alto) Tudo bem, tubo bem! Dizem que nesses casos é bom não reagir.

Thomas estica o braço, pega a nota.

THOMAS : Você é muito do folgado (sai, escondido atrás do papelão).

Severino fica estendendo o prato pros transeuntes invisíveis. Ouve-se o mesmo grito fortíssimo e apavorado de mulher. Thomas entra rápido, escondido atrás do papelão, fica ao lado de Severino.

SEVERINO : (dá uma risadinha) Que foi agora, pastor?

THOMAS : Já te disse que não sou pastor!

SEVERINO : Olha, se eu fosse tu, eu tomava vergonha na cara. Que coisa feia sair por aí pelado, com o saco roxo, atrás de um papelão, assustando as mulheres.

THOMAS : Não quis assustar ninguém. Foi mais um mal-entendido.

SEVERINO : (incrédulo) Ah sei, um mal-entendido!

THOMAS : Um erro de comunicação, pra ser mais exato.

SEVERINO : (incrédulo) Ah, um erro de comunicação! Pois é melhor tomar cuidado e ir se escondendo da polícia.

THOMAS : Eu me esconder da polícia? Mas por quê?

SEVERINO : É que na cadeia quando aparece um sujeito assim respeitador, que vive mostrando o pinto pra mulher dos outros, eles logo entendem que foi um mal-entendido, um erro de comunicação. Ah, são tão compreensivos! Tu vai receber um tratamento todo especial. Vai ser um "love" só com aqueles psicopatas de dois metros de altura.

THOMAS : Não, vai com essa idéia pra lá. Deus me livre!

SEVERINO : Agora é tarde. Tu não devia ter deixado o papelão cair.

THOMAS : Mas o papelão não caiu. O que aconteceu foi mesmo um erro de comunicação. A

O mendigo e o magnata

vendedora nunca tinha visto um dólar na vida. Eu perguntei a ela se podia trocar por real, e fazer comigo uma transação. Aí ela deu a louca. Disse que não ia fazer nenhuma transação comigo. Que se eu quisesse transar, que fosse atrás de uma quenga.

SEVERINO : Nossa! Já devem tá te chamando de O Taradinho do Papelão.

THOMAS : O pior é que sem roupa, fica mesmo difícil sair por aí... Acha que a policia pode me prender de verdade?

SEVERINO : Vamos fazer o seguinte. Tu vai se colocar no lugar de um policial.

THOMAS : De um policial? Eu fiz mestrado em Oxford, merecia pelo menos ficar no lugar de um capitão, ou quem sabe, coronel.

SEVERINO : Se acha que um capitão ou coronel fica patrulhando a rua, tudo bem. Escolhe capitão ou coronel.

THOMAS : Lógico que é coronel.

SEVERINO : Então pensa que é um coronel da polícia. Lembre-se que os coronéis da polícia são homens muito sensíveis. Eles têm filha, esposa, mãe e avó. Aí, uma mulher desesperada vem te pedir ajuda. Diz que um tarado do saco roxo, escondido atrás de um papelão, lhe mostrou o bilau. Depois vem outra, indignada, se queixando que o mesmo tarado a convidou pra uma suruba. Aí tu, coronel, encontra esse sujeito em plena via pública, peladão com um sorriso de idiota...

Thomas lança pra Severino um olhar de reprovação.

SEVERINO : O que tu faz, tendo um cacete enorme, spray de pimenta e algema?

THOMAS : Bem, vou dialogar com ele. Podemos resolver o mal-entendido na maior paciência.

SEVERINO : Ah, assim não vale! Você não pensou num coronel. Pensou foi num monge budista!

THOMAS : Ah, é? Então acha mesmo que podem me prender?

SEVERINO : Prender é pouco. Tu vai é apanhar feito mala velha.

THOMAS : E como me livro dessa situação? Não tenho como me vestir!

SEVERINO : Relaxa, seus problemas acabaram. Eu tenho a solução. (tira de trás um saco velho de estopa) Dá só uma olhada.

THOMAS: Que negócio é esse?

SEVERINO: Ora, não tá reconhecendo? É tua nova roupa.

THOMAS: Eu vou vestir isso?!

SEVERINO: Não é obrigado, mas é bom lembrar da polícia.

THOMAS: Tá certo, eu visto. É melhor do que ficar nu (pega o saco, olha intrigado). Mas essa é a parte de cima ou de baixo?

SEVERINO: Depende do que você quer tapar.

THOMAS : Ok, não é lá grande coisa, mas agradeço. Não imaginava que você era capaz de me dar alguma coisa.

SEVERINO : E não sou. Essa bela peça de roupa custa 1 dólar.

THOMAS: Tá de brincadeira comigo! Um dólar nesse trapo velho!

SEVERINO: Não chamaria esse modelito básico de trapo velho.

THOMAS: Parece mais um pano de chão.

SEVERINO: Pessoas que não entendem nada de moda diriam que é um pano de chão. Mas na verdade é um kilt. Aquela saia que os homens usam lá no estrangeiro.

THOMAS: Quer dizer que essa coisa é uma saia escocesa?

SEVERINO: Legítima.

THOMAS: E desde quando saia escocesa é feita de estopa?

SEVERINO: Se duvidar, pode cheirar atrás que tá com cheiro de bunda de escocês.

THOMAS: (aproximando o nariz do saco) Credo! Isso tá imundo.

SEVERINO: É que o último escocês não usava papel higiênico.

THOMAS : Vou vestir, mas se eu pegar uma doença, te mato! (Thomas veste o saco, e larga o papelão)

SEVERINO : Hum.. Olha só. É a Gisele Bündchen depois da gripe.

THOMAS: (dando o dólar) Toma.

SEVERINO: (pegando o dólar) Ah, o bom filho pra casa volta ! (bota no bolso)

THOMAS : Agora, vou pedir ajuda.

Thomas sai. Ouve-se um grito forte de mulher e depois outro, iguais aos dados anteriormente. Thomas volta correndo, assustado. Curva o corpo, respira fundo.

SEVERINO : Mas isso já tá virando piada! O que foi de novo?

THOMAS : (esbaforido) Af! Aquelas duas mulheres me reconheceram e veio um monte de gente me bater.

SEVERINO: Coitadinho! Se esconde rápido.

THOMAS : (olhando pros lados, angustiado) Mas onde?

SEVERINO : Vem, (dando uma folha de jornal) bota esse jornal por cima e fica do meu lado.

THOMAS : Tá bem.

Thomas senta ao lado de Severino, cobre abaixo do pescoço com folhas de jornal.

THOMAS : E aí?

SEVERINO : Hum... ainda não tá bom. Ah, já sei! Peraí... (dobra uma folha de jornal, faz um chapéu de Napoleão, coloca na cabeça de Thomas) Agora, sim, ficou bem melhor.

THOMAS : Ficou mesmo?

SEVERINO : Nem me fale. Tá uma beleza. Mas por via das dúvidas (dá um pedaço de cabo de vassoura) segura isso daqui.

THOMAS : Pra que vou querer esse pau?

SEVERINO: Não é um pau, é uma espada.

THOMAS: (olhando, intrigado, o pedaço de cabo) Uma espada?!

SEVERINO : É, se implicarem contigo, dá uma de maluco e diz que é Napoleão. Agora,

O mendigo e o magnata

começa a me imitar.

SEVERINO : (estendendo o prato) Uma esmoooola, uma esmoooola, pelo amor de Deeeeus...

Thomas só observa.

SEVERINO: ...um esmoooola, uma esmliiiinha... Ô, moça, uma esmola... (pra Thomas) Que foi?

THOMAS: E o meu prato?

SEVERINO : Ah, vai com a mão mesmo.

THOMAS : Tá bom (estende o braço, com a mão em concha).

SEVERINO: Uma esmoooola...

THOMAS: Uma esmola pelo amor de Deus.

SEVERINO : A voz não tá legal. Tem que falar arrastado, olha só: um esmoooola...

THOMAS : Assim?: Uma esmoooola pelo amor de Deeeus.

SEVERINO : Perfeito, tá profissional. Agora, vamos nessa: uma esmoooola...

THOMAS : Uma esmliiiinha...

SEVERINO : E se quiser, pede já um valor.

THOMAS: Ok, uma esmoooola... cem reais pelo amor de Deus.

SEVERINO : Não! Que é isso?! Cem reais tá demais.

THOMAS : Tá bom, vou pedir cinqüenta.

SEVERINO : Só se for cinqüenta centavos, cinqüenta reais tá muito.

THOMAS : Mas cinqüenta centavos é uma ninharia!

SEVERINO : É, mas eu te pedi cinco e você não tinha.

THOMAS : Ah, foi mesmo. Puxa, tomara que eu não peça a ninguém como eu.

SEVERINO : Uma esmoooola...

THOMAS : Uma esmliiiinha pelo amor de Deus.

SEVERINO : Dez centavos.

THOMAS : Cinco também serve.

SEVERINO : Ô, moça, uma esmola aqui.

THOMAS : Ei, ei da gravata, da uma esmliiiinha, prum colega... Nossa, viu como ele me olhou feio?

SEVERINO : Claro que ele te olhou feio. Chamou aquele grã-fino de terno de colega.

THOMAS : Mas ele é um investidor da bolsa como eu.

SEVERINO: (apontando pros trajes de Thomas) Como tu?!

THOMAS : Ah é, esqueci do meu novo visual.

SEVERINO : Uma esmoooola...

THOMAS : Uma esmliiiinha pelo amor de Deeeus...

Severino e Thomas, de prato e mão estendidos, ficam olhando por alguns instantes as pessoas

invisíveis passarem.

THOMAS: (suspira) Parece que ninguém enxerga a gente.

SEVERINO : E não enxerga mesmo. Esqueceu que a gente é mendigo? Somos invisíveis pra quase todo mundo.

THOMAS : Desse jeito, a gente vai pedir o dia todo, sem ganhar nada.

SEVERINO : Paciência. Tem de ser teimoso, pra não fica de mão vazia.

Som de uma moeda caindo no prato de Severino.

SEVERINO : (sorrindo) Não disse?

THOMAS: (apalpando algo na mão) Olha só, eu também ganhei.

SEVERINO E THOMAS: (acompanhando com a cabeça alguém invisível que se afasta) Obrigado, senhora!

SEVERINO: (olhando pro prato) Vinte e cinco centavos.

THOMAS : (olhando pra mão) Vinte e cinco também.

SEVERINO : Bem, já é alguma coisa. Vamos continuar.

THOMAS: (olhando pros lados) Acho que agora já não tem perigo. Ninguém tá mais atrás de mim.

SEVERINO (olhando pros lados) : É mesmo... (pra Thomas) Mas sabe que foi bom mendigarmos juntos? Você leva jeito pra coisa.

THOMAS: Nem sei se isso é um elogio, mas obrigado.

SEVERINO : Tenho grandes projetos pra nós dois. Que tal montarmos uma sociedade?

THOMAS : Não, não. Prefiro trabalhar no escritório.

SEVERINO : Pensa bem. Essa é uma oportunidade imperdível de ganhar 50% da nossa mendigação.

THOMAS : É? E quanto isso dá no mês?

SEVERINO : Se for um mês bom, trinta reais.

THOMAS: (irônico) Nossa! Tudo isso?

SEVERINO : Hum-hum. E nem precisa pagar imposto de renda. O governo até que andou um tempo querendo meter a mão no nosso dinheiro. Dava nota fiscal pros mendigos tirarem recibo da esmola, mas quando a gente ia devolver a nota, eles nem queriam mais receber. É que depois que a gente preenchia, como não tinha papel, usava a nota pra limpar a bunda.

THOMAS : Ah, uma interessante maneira de prestar contas! Pois, em se tratando de rendimentos, eu ganho dois milhões.

SEVERINO : Num mês?!

THOMAS : Não, por semana. Mas se o mês for bom, com os mercados em alta, Tóquio, Londres e Cingapura, aí eu ganho dez.

SEVERINO : Pois então, olha só. Como é uma sociedade, trabalhando nas horas vagas, além dos dez milhões, você ainda vai ganhar quinze reais.

THOMAS : Realmente essa oportunidade é imperdível. Só que prefiro não fazer hora extra. Você sabe, trabalhar demais faz mal à saúde. E pra um homem como eu, dinheiro não é

O mendigo e o magnata

tudo... tem ações na bolsa, comodites e os títulos ao portador que também contam muito.

SEVERINO : Ok, mas se a coisa ficar preta, não vem me pedir dinheiro emprestado.

THOMAS : Esquece. Não tomo nada emprestado, muito menos dinheiro. Até porque meus amigos cobram juros muito altos.

SEVERINO : Os teus amigos te cobram juros?!

THOMAS: (balança afirmativamente a cabeça) Acima de 30%.

SEVERINO : Então, pede à tua mãe.

THOMAS : Ela me cobra cinqüenta.

SEVERINO : Nossa! Que família e amigos generosos você tem!

THOMAS : Mas hoje, pela primeira vez, mesmo ficando com a consciência pesada, eu pediria emprestado um cartão telefônico.

SEVERINO : Quê! Ficar com a consciência pesada só por causa de um cartão?!

Ah, se fosse comigo! Eu pediria emprestado logo uma mulher, casa, comida e roupa lavada.

THOMAS : Só que quem pede um favor fica devendo outro.

SEVERINO : Relaxa. Dever um favorzinho de vez em quando não vai te botar no SPC.

THOMAS: Mesmo assim, não gosto de estar em dívida com ninguém. Até o cartão iria pagar depois... Será que me venderiam pra pagar amanhã?

SEVERINO : É difícil. Cartão telefônico a prazo nem nas Casas Bahia. E olha que eles vendem uma chupeta em vinte e quatro prestações.

THOMAS : E se eu pagasse bem? Daria até cinqüenta reais.

SEVERINO : Ah, pode ser. Mas o hospício onde vendem cartão pra mendigo, por cinqüenta reais e ainda por cima a prazo, fica do outro lado da cidade.

THOMAS : Que é isso! Alguém vai acabar me dando crédito.

SEVERINO : Crediário pra mendigo? (risada) Ah coitado! Vai sonhando.

THOMAS : Mas eu não sou mendigo. Temporariamente, por motivos de força maior, estou mendigo.

SEVERINO : Ah, já entendi.(declamando) Ser ou não ser, estar ou não estar, eis a questão. (sem declamar) Mas a questão mesmo, criatura, é que tu tá liso e aí, já era. Não compra nada de nada..

THOMAS : Que pessimismo!

SEVERINO : Eu vivo nessa vida há muito tempo. Vai por mim, sei onde dormem as cobras. Já você, entrou na mendigação só há algumas horas e já tá se achando.

THOMAS : Me achando?!

SEVERINO : Sim, e nem respeita a hierarquia.

THOMAS : Hierarquia?! Mas que hierarquia?!

SEVERINO : Eu sou o mestre e você, o aprendiz.

THOMAS : Como é que é?!

SEVERINO : Silêncio!

THOMAS : Mas... mas...

SEVERINO : Ca-la-do!

THOMAS : Eu só queria...

SEVERINO : Boca de siri, aprendiz! Obedeça a seu mestre!

THOMAS : Mas que história é essa?! Que siri? Que mestre? Que aprendiz?

SEVERINO : É que eu tô me inspirando.

THOMAS: (sem entender nada, dando de ombros) No quê?

SEVERINO : (fazendo gestos de kung-fu com os braços) Nos filmes de kung-fu. Neles, os mestres sempre ensinam as manhas aos seus alunos.

THOMAS : Ah, deixa ver se entendi. Você agora, botou na cabeça que é um daqueles japoneses velhinhos e bigodudos que vai me ensinar alguma coisa.

SEVERINO : Captou a mensagem perfeitamente (mostrando em volta) Olha ao redor. A rua: essa grande escola da vida. Nela, eu, o teu mestre, vou te ensinar a sobreviver e ganhar o pão de cada dia.

THOMAS : Pão? Mas eu só quero é um cartão! E pra me mandar pra bem longe daqui!

SEVERINO : Ah, que ingrato! Podia aprender tanta coisa.

THOMAS : Já aprendi que tô numa enrascada e isso é o bastante.

SEVERINO : Podia, pelo menos, descobrir o lado bom de tudo isso.

THOMAS : Lado bom?! Fui roubado, me deixaram nu, quase fui lixado e estou vestido com jornal e um saco fedido... o que é que me falta acontecer gora? Só falta cair um toró. (ouve-se um som forte de trovada. Aos céus, clamando) Não pelo amor de Deus, chover não!

SEVERINO: (olhando pro alto) É, acho que tu não tá com muita moral lá em cima, não. Imagina se lembrasse que falta cair um raio na tua cabeça?

THOMAS : Não! Pára com isso! (coloca um papelão na cabeça. Olhando assustado pra cima) Vira essa boca pra lá!

SEVERINO : Ah, que é isso! Tá se preocupando demais. Raios não caem assim tão fácil na cabeça das pessoas.

THOMAS : Prevenido morreu de velho! (tomando o prato de Severino e botando na cabeça) e me dá isso aqui, que vou me proteger.

SEVERINO : Se eu fosse você, não botava esse prato na cabeça.

Thomas se levanta.

THOMAS : Ah, é? Eu é que não vou pegar uma pneumonia. Depois, te devolvo.

SEVERINO : Mas é de alumínio. Alumínio é metal.

THOMAS: E daí?

Clarão e som de trovão. Thomas fica estremeando com o choque, cai duro, desacordado.

SEVERINO : Daí que os metais atraem eletricidade. (Thomas se treme todo. Severino levanta, vai até Thomas, se ajoelha ao lado, dá um tapa no rosto) Ei, você tá bem?

THOMAS: (grogue) Hã?

O mendigo e o magnata

SEVERINO: (dá um tapa no rosto) Você tá bem?

THOMAS : Ah, estou... é hora de mamar, mamãe?

SEVERINO : (dá um tapa no rosto, mostra dois dedos formando um V) Quantos dedos tá vendo?

THOMAS : Cinco.

SEVERINO: (dá um tapa no rosto, mostra os dedos) Quantos?

THOMAS : Cinco.

SEVERINO: (dá um tapa no rosto, mostra os dedos) Olha direito. Quantos?

THOMAS : Eu já disse que são cinco!

SEVERINO : (mostra os dedos) Aqui tem dois.

THOMAS : E os outros três que tão abaixados?!

SEVERINO : Ah, tá. Você contou mais do que devia... E aí, como tá se sentindo?

THOMAS : Péssimo. Meu corpo tá todo moído.

SEVERINO : (levantado-se) Levanta, estica esses ossos.

Thomas se levanta, estica braços e pernas.

SEVERINO : E aí?

THOMAS : Tô melhorando. (olha pra cima, assustado) Mas agora fiquei com medo. E se cair outro raio?

SEVERINO: (indo sentar) Relaxa, um raio não cai no mesmo lugar duas vezes.

THOMAS : Tem certeza?

SEVERINO : Absoluta. Meu avô sempre dizia isso.

THOMAS: Ah, que bom! (mostrando o prato caído no chão) Posso?

SEVERINO : É todo seu.

THOMAS : (bota o prato na cabeça) Agora me sinto bem mais seguro.

Som de trovão.

THOMAS: (dando o dedo pra cima, debochando) O que pra você, ó!

Clarão e som de trovão. Thomas fica estremeando com o dedo levantado, cai duro, desacordado. Estremece todo. Severino se levanta, fica ao lado de joelhos.

Levanta a cabeça de Thomas, com uma mão. Com a outra dá um tapa no rosto.

SEVERINO : Você tá bem?

THOMAS: (grogue) Gisele Bündchen!

SEVERINO : Que Gisele Bündchen! Sou eu.

THOMAS : Ah, você. O que aconteceu?

SEVERINO: Parabéns, você provou que meu avô tava errado.

THOMAS: (apalpando o corpo) Ai, ai!

SEVERINO : Tá se sentindo bem?

THOMAS : (senta, irônico) Quê! Ah, muito bem! Muito bem mesmo! (furioso) Dois raios caem na minha cabeça e você ainda vem me perguntar se eu tô me sentindo bem?! Eu tô péssimo, moído, arrasado!

SEVERINO : Ao menos, tá vivo.

THOMAS: É, mas graças a você e seu avô, poderia tá morto e sapecado.

SEVERINO : Paciência. A gente aprende errando.

THOMAS : Pelo visto, não é errando, é me ferrando.

SEVERINO : Qualé! A culpa foi do raio.

THOMAS : Tem razão (indignado, agita a mão espalmada pro alto, sugerindo revanche. Fazendo V com os dedos) Muito bem, dois a zero.

SEVERINO: Não desdenha, que esse placar pode aumenta.

THOMAS : (levanta) Agora eu é quem peço pra relaxar. Uma vez sim, duas ainda vai, mas três?! Um raio cair numa pessoa três vezes, seria demais. Um verdadeiro absurdo. Nem se eu tivesse cagado de urubu!

Som de titica, que cai na cabeça de Thomas. Ele passa a mão, cheira, faz uma careta, limpa no saco que está vestido.

SEVERINO: (se afastando) Acho melhor não ficar tão perto de você.

Som de trovão, Thomas pula em Severino.

SEVERINO : Que foi?

THOMAS : O placar! E se ele aumentar pra três a zero, quatro ou cinco?

SEVERINO : (repelindo Thomas) Aí, eu não quero tá perto de você!

THOMAS : Mas o que eu faço?

SEVERINO : (pega no braço de Thomas) Vem, criatura. Vamos sentar.

THOMAS : (apontando o prato no chão) Eu não pego mais nesse prato!

SEVERINO : (chutando o prato pra perto do lugar onde vão sentar) Tudo bem.

THOMAS : Se chover, tô lascado. Minha roupa vai junto com a água.

SEVERINO: (olhando pra cima) Tá feio o tempo, mas acho que não chove.

THOMAS : Tomara mesmo.

Os dois se sentam.

THOMAS : (cabisbaixo, com a mão no rosto, abanando a cabeça) Ai, o que fiz pra merecer isso! (levanta a cabeça, o dedo em riste, suplicante) Um cartão! Um cartãozinho e eu saio desse pesadelo!

SEVERINO : Olha as pessoas passando.

THOMAS : É, tô vendo. Elas têm sombrinha e guarda-chuva e a gente não.

SEVERINO : Também têm dinheiro e a gente não tem.

Os dois se entreolham.

THOMAS : Dinheiro! Até me esqueci que é o que preciso pra comprar o cartão.

SEVERINO : Elementar, meu caro. É dando que se recebe, pedindo que se ganha.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

O mendigo e o magnata

THOMAS : Mestre!

SEVERINO : Sim, aprendiz.

THOMAS : Me ajude a botar a boca no mundo e pedir pra esse povo todo... (estende a mão pros transeuntes invisíveis) Uma esmola... uma esmola pelo amor de Deus....

SEVERINO : Princípio básico, aluno. Esqueceu de arrastar a voz.

THOMAS : Ah, é! Uma esmoola... uma esmoliinha pelo amor de Deus....

SEVERINO : (balança a cabeça, contente) Hum, isso mesmo. Estou orgulhoso de você. Vamos lá.(estende a mão) Uma esmoola...

A luz vai se apagando.

THOMAS : Uma esmoliinha...

SEVERINO : Uma esmoola pelo amor de Deus...

THOMAS : Uma esmoliinha, moça...

SEVERINO : Senhor, cinco centavos...

Pausa. A luz acende. Sentados, Severino com o prato estendido e Thomas, decepcionado, com o cotovelo na coxa e o a mão apoiando o queixo.

THOMAS : Pedimos a tarde toda. A noite veio e também continuamos a pedir. E o que acabei conseguindo? (olha pra mão, desiludido) Setenta e cinco centavos!

SEVERINO : Eu consegui oitenta.

THOMAS : Ô, gente mão-de-vaca, meu Deus!

SEVERINO : Um cartão telefônico é quatro reais.

THOMAS : Quatro reais! Vejam só, quatro reais! Fiquei mendigando quase o dia todo e nem consegui essa mixaria. E eu que costumo dar gorjeta de dez, nos restaurantes... Ai, que humilhação!

SEVERINO : Ânimo, meu rapaz. Se hoje conseguiu um real, daqui a três dias vai juntar o suficiente pra comprar o cartão e voltar pra casa.

THOMAS : Nossa, mais três dias nesse tormento!

SEVERINO : É, mas tenha ânimo. Você vai pra casa nesses três dias. Claro, se antes não morrer desnutrido, pegar a doença do rato, levar uma facada de um doido ou outras coisinhas mais.

THOMAS : Coisinhas? Que outras coisinhas?

SEVERINO : Tá faltando mulher aqui no pedaço. Podem querer que você libere o teu feminino, entende?

THOMAS : Não, não, não! Que lado feminino que nada!

SEVERINO : Ânimo, meu rapaz. Isso não é o pior, podem também...

THOMAS: Não, não continua!

SEVERINO : Ora, o que houve?

THOMAS : Você sabe mesmo como animar uma pessoa. Daqui a pouco, vou atrás de uma corda pra me suicidar!

SEVERINO : Ah, (pegando uma corda que estava debaixo de mulambos) corda aqui é o que não falta. Claro que essa não é virgem. Já foi usada por outros que também quiseram ir desta pra melhor mais rapidinho, mas acho que ainda funciona... É um real.

THOMAS : O quê?! Tá me cobrando pela corda que vou me suicidar?

SEVERINO : Claro, você mesmo disse que não gosta de nada emprestado. Pois então, um real. Mas aproveita que tá em promoção, é só por hoje.

Thomas fica dando beliscões no braço.

SEVERINO : O que tá fazendo.

THOMAS : Tentando acordar. Isso só pode ser um pesadelo... (baixa a cabeça, com as mãos no rosto, desanimado) Tudo porque não tenho quatro reais, o que são quatro reais!

SEVERINO : É um cartão telefônico.

THOMAS: (furioso) Eu sei que é um cartão telefônico, não precisa me lembrar!

SEVERINO : Tá bom, não tá mais aqui quem falou. (se deitando) Eu vou tirar uma soneca, você devia fazer o mesmo.

THOMAS : Eu dormir aqui nesse relento? Eu mesmo, não... (olhando pros lados, temeroso) Pode ter lagarto, cobra, onça,...

SEVERINO : (de olhos fechados) Ei, você não tá no zoológico, não. Agora vê se dorme.

Pausa. Som de estômago roncando. Severino acorda.

SEVERINO : Que foi isso?

THOMAS : Isso o quê?

SEVERINO : Esse barulho de descarga.

THOMAS : É o meu estômago. Acho que a fome apertou.

SEVERINO: (senta) Então, faz assim (enche a boca de ar e mastiga).

THOMAS : Que é isso?

SEVERINO : É um jantar de vento. Aqui na rua a gente faz muito isso. Vai me dizer que não conhecia?

THOMAS : Não!

SEVERINO : É assim: você enche a boca de vento e pensa numa coisa gostosa.

(enche a boca de ar, mastiga, saboreando) Hum...

THOMAS : Que foi?

SEVERINO : Essa lasanha tá deliciosa! Experimenta fazer isso com o teu caviar.

THOMAS : Mas funciona?

SEVERINO : Claro. Mas não exagera, pode dar indigestão.

THOMAS : (enche a boca de ar. Mastigando) Não tô sentindo gosto de nada.

Os dois ficam mastigando vento.

SEVERINO : Espera a fome apertar mais.

THOMAS : Na verdade, tô é sentindo o cheiro de cachorro-quente.

O mendigo e o magnata

SEVERINO : Eu também. É do carrinho de sanduíche que fica na esquina toda noite.

THOMAS : Ai, esse cheiro é uma tortura!

SEVERINO : Vem falar pra mim, que sinto toda noite?

THOMAS : É caro um sanduíche desses, pra nossa atual situação?

SEVERINO : Pedem dois reais.

THOMAS : Tô com tanta fome! Que tal a gente juntar as esmolas e comprar?

SEVERINO : Boa idéia, dá pra um.

THOMAS : Vamos dividir ao meio.

Deixam de mastigar vento.

SEVERINO : Lógico, (entregando o dinheiro a Thomas) mas você vai comprar.

THOMAS : Tudo bem, vou botar bastante molho e catchup.

SEVERINO : Traz um hambúrguer. É redondão e tem o mesmo preço.

THOMAS : Ok, um hambúrguer redondão.

SEVERINO : Mas não esquece de uma coisa.

THOMAS : Do quê?

SEVERINO : A alface. Eu adoro alface. E (mete a mão no bolso, tira o dólar) leva também esse dólar. Se der, compra mais.

THOMAS : Tá, (andando rápido) vou indo logo (para, pra Severino) quem sabe, o carrinho não foge de lá? (volta a andar rápido, sai)

SEVERINO : Esse grã-fino é muito do esquisito... (estende o prato pra alguém invisível passando) Ei, moça, cinco centavos... uma esmoolaaaaa.... (fica estendendo o prato)

Thomas entra, segurando um hambúrguer.

THOMAS : Não aceitaram o dólar e o hambúrguer subiu pra dois e cinquenta.

SEVERINO: E você ainda comprou?

THOMAS : (dando metade pra Severino) Eles me venderam incompleto.

SEVERINO : Ah, e o que tá faltando?

THOMAS : A alface.

SEVERINO : (olhando dentro da sua parte do hambúrguer) Mas que safadeza!

THOMAS : (dando o dólar) Toma o dólar.

Severino pega o dólar e põe dentro de sua metade do hambúrguer.

THOMAS : O que tá fazendo?

SEVERINO: Tô botando a minha alface.

THOMAS : Mas isso é dinheiro!

SEVERINO : Um dinheiro que é chique, mas não compra nada. Pelo menos, sendo alface vai ter alguma serventia. E olha só, (mostra o dólar dentro da sua parte do hambúrguer) também é verdinho.

THOMAS : Devia tomar cuidado. O dinheiro é sujo.

SEVERINO : E tem um montão de gente morrendo por ele. Imagina se fosse limpo.

THOMAS : Eu tô falando das bactérias. As pessoas pegam no dinheiro, que fica cheio de bactérias.

SEVERINO: (dá um mordida. De boca cheia, desdenhando) Ah, as bactérias!

THOMAS : E elas podem te fazer mal, até matar. São minúsculas.

SEVERINO : (mastigando) Prefiro me preocupar com problemas maiores. (deixa de mastigar) Por enquanto, (fitando a barriga e alisando) essas bacteriazinhas vão pra barriga do papai.

THOMAS : (dá de ombros, abocanha um pedaço, mastiga) Hum.. o meu tá uma delícia. É o melhor sanduíche que já comi, o melhor do mundo.

SEVERINO : Realmente a fome faz milagres. O melhor sanduíche do mundo feito por um gorducho, que vive coçando as hemorróidas.

THOMAS: O que você disse?

SEVERINO : Nada, não. Vai fundo, não quero atrapalhar o teu apetite.

THOMAS : (lambendo os dedos) Hum... delícia, delícia! Tinha até um cheirinho de... de...

SEVERINO : Um cheiro profundo, você quer dizer.

THOMAS : É um cheirinho de...

SEVERINO : (olhando ao redor) Pode dizer, não tem crianças por aqui nesse horário.

THOMAS : Como?

SEVERINO : Esquece. Deve ser de alguma erva aromática.

THOMAS : É, deve ser mesmo. (bota a mão na barriga) Mas sabe que ainda tô com fome?

SEVERINO : E eu também. Mas fica tranquilo, que horas são?

THOMAS : (olhando pra cima) Sei lá, perto da meia-noite.

SEVERINO : Daqui a pouco, tem rango de graça.

THOMAS : Sério?

SEVERINO : É, sim. Toda sexta-feira dão comida.

THOMAS : Aqui?

SEVERINO : Não, (apontando) lá na esquina.

THOMAS : (levanta, puxando Severino pelo braço) Então vamos logo.

SEVERINO : (levantando) Tá bom, mas não arranca o meu braço.

THOMAS: (andando com Severino) O que eles servem? Sopa?

SEVERINO : Não, dia de hoje é coisa fina.

THOMAS : Ah, que bom. Detesto sopa. É coisa de pobre.

Saem por um lado do palco. Entram pelo outro.

SEVERINO : Chegamos.

THOMAS : (olhando ao redor) Não tô vendo ninguém.

SEVERINO : Eles ainda não chegaram.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

O mendigo e o magnata

THOMAS : Tomara que não demorem.

SEVERINO : Demorando ou não, eles nunca deixam de vir.

THOMAS : Mas esperar de barriga vazia é um horror.

SEVERINO : Então vamos dividir uma pizza?

THOMAS: (animado) Claro. Boa idéia.

SEVERINO : O primeiro pedaço é meu.

THOMAS : Tudo bem. Mas onde ela tá?

SEVERINO : (segurando na palma da mão uma bandeja invisível) Logo aqui. (segura um pedaço invisível) Quer de que sabor?

THOMAS : O que é isso?!

SEVERINO : Uma pizza de vento, esqueceu?

THOMAS : (frustrado) Não, pizza de vento não vale!

SEVERINO : Calabresa ou presunto.

THOMAS : (suspira) presunto.

Severino morde o seu pedaço, coloca na bandeja. Entrega o pedaço de Thomas.

SEVERINO : (mastiga) A de calabresa tá uma delícia.

THOMAS : (morde o pedaço. Mastigando) Ainda não consigo sentir o gosto de nada.

SEVERINO : Tá te faltando imaginação.

THOMAS : (balançando afirmativamente a cabeça) É pode ser.

SEVERINO : Vamos sentar e comer logo. Não quero que a pizza esfrie. (bota a bandeja invisível no chão)

THOMAS : (sentando) Essa de comer vento vou contar pros meus netinhos.

Sentam-se

SEVERINO : Hum.. pra ter netinho tem de ter filho e pra ter filho tem de ter mulher. É casado?

THOMAS : Não.

SEVERINO : Tá namorando.

THOMAS : Não.

SEVERINO : Ah, tá ficando.

THOMAS : Também não.

SEVERINO : Hum.. então, tem uma amante, seu sem-vergonha.

THOMAS: (melindrado) Não, não é nada disso.

Severino dá uma risadinha maliciosa.

THOMAS : Que foi?

SEVERINO : Por que não me disse antes que era gay?

THOMAS : Eu não sou gay!

SEVERINO : Tudo bem. Mas acho um absurdo, em pleno século vinte, você não sair do armário.

THOMAS : Já disse que não sou gay. O que tá faltando pra te provar?

SEVERINO : Uma mulher já seria um bom começo.

THOMAS : Mas eu tenho alguém.

SEVERINO : Com ou sem barba?

THOMAS : É uma mulher! Eu tenho uma mulher, você tá surdo!

SEVERINO : Calma! Entendi, não tá mais aqui quem falou.

THOMAS : (entristecido) Eu tenho uma mulher, quer dizer, tinha. Ela se foi.

SEVERINO : Ah, desculpa. Não imaginava, meus pêsames.

THOMAS : Pêsames pelo quê?

SEVERINO : Pelo falecimento da tua mulher.

THOMAS : Minha mulher não morreu.

SEVERINO : Como ela não morreu?! Você mesmo disse que ela se foi.

THOMAS : Se foi, (faz dois dedinhos andando no ar) dando no pé.

SEVERINO : Ah! E pra onde?

THOMAS : Sei lá, fugiu com meu melhor amigo.

SEVERINO : Melhores amigos são um problema. A gente confia demais e eles levam até a nossa mulher.

THOMAS : Eu quem o diga! Não quero mais saber de amizade.

SEVERINO : Que é isso! Também não precisa se decepcionar tanto. Você é um rapaz bem apessoado. Por falar nisso, qual é mesmo a sua graça?

THOMAS: Graça? Não tô vendo graça nenhuma?

SEVERINO : Eu perguntei teu nome, criatura.

THOMAS : O meu nome é Thomas.

SEVERINO : Ah, Tomás.

THOMAS : Tomás, não. Thomas.

SEVERINO : Tô-tô-Thomas?

THOMAS : Isso mesmo: Thomas.

SEVERINO : Dá pra ver que é nome de rico. Tô-Tô-Tô-Tô-Thomas. Trava até a língua.

THOMAS : Um bom nome é fundamental. O meu faço gosto, porque tem a sua imponência. Qual é o teu?

SEVERINO : Sê-Sê-Severino.

THOMAS : Ah, Severino. Tem um certo charme, apesar de ser um nome comum.

Aliás, comum demais. Lembra muito o povo do Nordeste..

SEVERINO : E justamente eu sou de Fortaleza, no Ceará. Já o senhor é de...

THOMAS : Prefiro falar da procedência dos meus tataravós, que vieram de Veneza na Itália,
Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

O mendigo e o magnata

trabalhar nas glebas fecundas do meu Brasil.

SEVERINO : Ah, você é tataraneto daqueles italianos que pegaram na enxada aqui em São Paulo.

THOMAS : De certa forma sim, mas (faz uma careta)...

SEVERINO: Que foi?

THOMAS : Tô morrendo de fome. Essa comida vem ou não?

SEVERINO : Paciência, não deve demorar muito. Tenta pensar noutra coisa.

THOMAS : Só vem comida no meu juízo. (alisando entre os dedos o jornal com que está coberto) Daqui a pouco vou comer esse jornal. Olha só, é de ontem. (passando a vista pelo jornal) Política, esportes, comportamento,...

SEVERINO : Hi, essa é a primeira roupa que além de vestir, informa.

THOMAS: Sessão do horóscopo... Qual é o teu signo?

SEVERINO : Peixes.

THOMAS : Ah, um cearense de Peixes. Bastante inusitado. Aqui diz: Peixes:

oportunidade de novas convivências. Saiba ser paciente, prepare a mala.... Preparar a mala? Não, entendi. Que mala?

SEVERINO : (olhando malicioso, pra Thomas) Ah, uma mala enorme!

THOMAS: Você não disse que ia viajar.

SEVERINO: E não vou. Essa mala é sem alça.

THOMAS: Hã?

SEVERINO: Esquece. Lê agora o teu signo.

THOMAS: O meu é Capricórnio.

SEVERINO : Ah, você é do bode. O que é que te aguarda, filho?

THOMAS : Capricórnio: vai ser um dia cheio de surpresas. Quando pensar que acabaram, elas mal começaram... Ai, ai, ai. Era só o que me faltava! Mais surpresas do que já tive. E tudo surpresa ruim. Agora, fiquei até com medo.

SEVERINO : Ah, qualé! Vai me dizer que acredita nesse negócio de horóscopo? Eles escrevem isso todo dia.

THOMAS : Mas viu as coincidências? É coincidência demais.

SEVERINO : Coincidências acontecem.

THOMAS : E se for uma maré de azar?

SEVERINO : (rindo, confiante) Não sou um homem supersticioso.

THOMAS : E se a maré de azar for muito azarenta? Podemos até morrer.

SEVERINO: (pega um pedaço de madeira, dá três pancadas, assustado) Vamos mudar de assunto, vamos falar sobre...

THOMAS: Comida? (passando a mão na barriga) Eu tô morrendo de fome!

SEVERINO : Calma, nossa refeição já deve tá chegando.

THOMAS : Ah, tomara. Não agüento mais comer só vento.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

SEVERINO : Daqui a pouco, vai tá mastigando algo de verdade, Tomás.

THOMAS : É Thomas. Mas por falar nisso, como é que eles fazem? Dão o prato? Eu não tenho prato nenhum.

SEVERINO : Já entregam o prato feito.

THOMAS : Ah, eu preferia que a gente botasse a comida. Queria fazer um pratão de estrogonofe com bife ao molho madeira.

SEVERINO : Tem comida bastante pra matar a fome de qualquer esfomeado. Mas vai esquecendo o estrogonofe com o bife ao molho madeira. Tá exigindo demais.

THOMAS : Você disse que é coisa fina.

SEVERINO : E é. Eles costumam servir uma galinhazinha ao molho pardo. Só que você pensa que vão trazer um restaurante francês!

THOMAS : Ok, eu sou modesto. Uma galinha ao molho pardo até que cai bem. Mas é de granja ou chester?

SEVERINO : (olhando indignado pra Thomas) Sabe de uma coisa? (deitando) Eu vou tirar uma soneca. Quem sabe, dá pra enganar a fome.

THOMAS : Dormir agora?! Mas se eles passarem direto?

SEVERINO : (de olhos fechados) Eles sempre avisam quando chegam. E fazem, questão de deixar o rango. É um serviço delivery.

THOMAS : Ah, sei não!... Delivery, é?... Tá bem (deitando) só um cochilinho.

Dormem. Entra ligeiro um táxi, desenhado numa placa de compensado ou outro material leve. O táxi breca, sai um pai-de-santo, apressado com óculos escuros, e deixa uma gamela com despacho e uma garrafa de cachaça próximo a Thomas e Severino.

PAI-DE-SANTO : (elevando as mãos ao alto, gritando, assustando Thomas) Saravá, meu Pai!

O pai-de-santo entra no carro, que sai em disparada. Severino e Thomas ficam sentados. Thomas vai engatinhando até a gamela.

THOMAS : Hi, esqueceram uma tigela!

Severino vai também engatinhando, fica ao lado de Thomas.

SEVERINO : Não esqueceram nada. É um despacho.

THOMAS : Despacho?!

SEVERINO : É, um trabalhozinho feito por um pai-de-santo.

THOMAS: Mas por que deixaram esse troço aqui?

SEVERINO: Ora, não vê que é uma encruzilhada?

THOMAS : (olhando pra frente, lados e trás) Ah! (pra gamela) O que é isso? (levanta um boneca de galinha preta, pelo pé) Um urubu?

SEVERINO : Não, uma galinha.

THOMAS : (examinando a ave) É toda preta.

SEVERINO : Dessa cor que a bichinha dá mais força à macumba.

THOMAS : Então, é uma galinha de macumba?!

O mendigo e o magnata

SEVERINO : Da legítima.

THOMAS : (soltando a galinha) Ai, que porcaria! Tá cheia de sangue.

SEVERINO : Sangue é sinistro demais. Melhor dizer molho pardo.

THOMAS : Quê?! Peraí... não, não pode ser o que tô pensando!

SEVERINO : E o que tu tá pensando?

THOMAS : É essa a comida que a gente tanto esperava?!

SEVERINO : Exatamente. Colocam aqui toda sexta-feira.

THOMAS : (dando-se conta, agastado) E esse é o serviço delivery.

Severino balança afirmativamente a cabeça, senta. Thomas senta.

THOMAS : Eu não vou comer esse bicho nojento. Ainda tá com pena.

SEVERINO : É que tá fresquinha, devia tá fazendo cocoricocó pouco tempo atrás. Mas eu dou um jeito. Tiro o bucho, as tripas. Vai ficar uma delícia.

THOMAS : Eca, nem pensar. Se eu comer essa coisa, vou morrer.

SEVERINO : Que é isso! (levantando a galinha pelo pé) Olha só, é saborosa e nutritiva.

THOMAS : (repelindo a galinha) Não, afasta isso pra lá.

SEVERINO : (dando de ombros) Tudo bem, tem um pouquinho de farofa aí. Você fica com a farofa.

THOMAS : Eu não quero farofa nenhuma.

SEVERINO: Hi, agora fiquei indignado.

THOMAS: Por quê?

SEVERINO: Tanta gente com fome no mundo e tu rejeitando comida.

THOMAS : Não leva a mal, mas prefiro continuar de barriga vazia.

SEVERINO: Pois eu vou é me fartar logo. (dá uma mordida feroz na galinha).

Thomas olha com imensa repulsa.

SEVERINO : (de boca cheia, oferecendo a galinha) Quer um pedacinho?

Thomas vira pro lado, engulhando.

SEVERINO : Tá precisando de um drinque. (levanta, pega duas latas velhas de tomate, senta) O bom de um despacho é que o bufê é completo. Sempre vem a bebidinha junto. Infelizmente, nunca é uísque doze anos. Quem faz macumba é pobre, e a gente deve se contentar com a pinga mesmo. Passa a garrafa.

Thomas dá a garrafa a Severino, que põe pinga na própria lata. Indo botar na lata de Thomas.

THOMAS : Não, obrigado.

SEVERINO : Mas é da boa.

THOMAS : Eu não bebo.

SEVERINO : Deixa de lorota, claro que tu bebe. (estende o braço com a garrafa)

Dá uma cheirada.

THOMAS : Não, não precisa. Já tô sentindo daqui. Tem certeza que não é querosene nem

gasolina?

SEVERINO : É cana da melhor qualidade. Olha só a marca.

Thomas pega a garrafa, indeciso.

SEVERINO : Vai, olha.

THOMAS : (olhando o rótulo) "Lasca Peito"?!

SEVERINO : Um néctar dos deuses. Dessa, só passarinho não bebe.

THOMAS : Não, meu paladar é refinado. Estou acostumado com Johnnie Walker 20 anos.

SEVERINO: Hum... acostumado com o Joni de 20 anos. Então, quer dizer que se amarrado mesmo num garotão. Bem que desconfiei. Aquela história da namorada fugindo com o melhor amigo tava mal muito contada.

THOMAS : Johnnie Walker é um uísque importado!

SEVERINO : Ah, é? E o teu amor pelas coisas da terra? A Rasga Peito é nacional.

THOMAS : Um homem esclarecido como eu, jamais bebe cachaça.

SEVERINO : Olha Tomás...

THOMAS : É Thomas.

SEVERINO : Pode ser Thomas, Tomás, Tomei, não importa. Escuta, faz um esforço que a Lasca Peito desce macia.

THOMAS : Já disse que nunca vou tomar um veneno desses. Meu fígado é um só.

SEVERINO : Então, tá. Eu bebo e tu vai ficar só olhando. (bebe um gole, faz uma careta, faz um gesto batendo indicador no polegar) Ai, marvada!... Hum... isso dá uma fome (pega a galinha. Oferecendo a Thomas) Tem certeza que não quer um pedaço?

THOMAS : (repelindo) Não, não.

SEVERINO : Pois eu vou comer até o tutano.

Severino dá uma mordida na galinha, mastiga. A luz vai se apagando, enquanto ele morde e mastiga outras vezes. Pausa. A luz acende. Severino rói um osso de galinha, a garrafa de pinga está pela metade. Thomas observa.

SEVERINO : Ai, que me acabo!... E aí, não vai tomar mesmo um golinho?

Thomas abana a cabeça.

SEVERINO : Depois de um banquete desses (bocejando) dá um sono! Acho que vou tirar uma soneca. Mas antes (pega a garrafa, colocando atrás de si) vou guardar a preciosa. (deitando) E tu? Tira também uma soneca

THOMAS : (deitando) É, que jeito! Pelo menos, acordo de amanhã e me mando logo daqui.

SEVERINO : Quer dar um abraço no seu camarada?

THOMAS : (fica sentado) Não, não encosta em mim com esse bafo! Tá parecendo bomba de posto de combustível.

SEVERINO : Então, boa noite.

THOMAS: Boa-noite.

SEVERINO: Boa-noite.

O mendigo e o magnata

THOMAS: Boa-noite.

SEVERINO: Boa-noite.

THOMAS : Boa-noite.

SEVERINO : Boa-noite.

THOMAS : (gritando) Boa-noitêêê!

SEVERINO : Tá, eu ouvi. Boa-noite. Parece que até que é surdo!... Toma cuidado com os pleibis... (começa roncar)

THOMAS: Cuidado com o quê?

SEVERINO : (sonolento) Cuidado com os pleibis... (volta a roncar)

THOMAS : Esse encheu mesmo a cara. (deita) Pelo menos, espero não ter mais contrariedade. (dorme)

Pausa. Barulho de estomago embrulhando.

THOMAS : (acorda assustado) O que foi isso?!

Barulho de estômago embrulhando.

THOMAS : (cutucando Severino) Ei, acorda.

SEVERINO : Hã?!

THOMAS : Não tá ouvindo?

SEVERINO : Ouvindo o quê?

THOMAS : Um barulho esquisito.

SEVERINO : Barulho? Que barulho?

Barulho de estômago embrulhando.

THOMAS : (apontando pra barriga de Severino) Esse barulho.

SEVERINO : Ah, é mesmo! Acho preciso fazer o número dois.

THOMAS : Eu sabia que aquela galinha ia fazer mal.

SEVERINO : (levantando-se) Tudo bem, o que não mata engorda. Vou ao toailete.

THOMAS : Toailete?! Onde?

SEVERINO- (indo) Ali atrás da moita do jardim. Já, já tô de volta.

THOMAS : Ei, vê se se limpa direito. Já me basta esse bafo de álcool!

Severino sai.

THOMAS : Já tô vendo chegar todo borrado! (deita) Acho que vou contar carneirinho... (sonolento) quanto é a cotação do carneirinho?... um milhão, dois milhões, três... (dorme)

Pausa. Entram dois playboys, olhando cuidadosamente ao redor. O Playboy 2 leva uma mochila.

PLABOY 1 : (apontando pra Thomas) Ei, achei um.

PLABOY 2 : (se aproximando com o Playboy 1 de Thomas) Beleza!

Os dois playboys param perto de Thomas, que dorme. O Playboy 2 tira uma garrafa de plástico da mochila, cheia de um líquido.

PLAYBOY 2 : (agitando a garrafa) Psiu! Me dá o fósforo.

PLAYBOY 1 : É pra já.

O Playboy 1 fica vasculhando os bolsos.

PLAYBOY 2 : Não vai me dizer que esqueceu?

PLAYBOY 1 : Não, tá por aqui.

PLAYBOY 2 : (olhando ao redor, preocupado) Vamos logo, antes que alguém apareça.

PLAYBOY 1 : Peraí, que tô achando. (com a mão no bolso da frente da calça) Achei, tá no fundo do bolso.

PLAYBOY 2 : Então, (abrindo a garrafa) vou jogar logo a gasolina. (joga o líquido).

THOMAS : (acordando, piscando os olhos) Ai, meu olho! O que é isso?!

PLAYBOY 2 : Toca logo fogo.

THOMAS : Não, tocar fogo não!

PLAYBOY 1 : (tirando do bolso e mostrando a caixa de fósforo) Aqui está.

THOMAS : Socorro! (o Playboy 1 fica riscando os palitos de fósforo, sem conseguir acender) Aqui, alguém me ajude! Socorro!

SEVERINO : (entrando) Alto lá.

PLAYBOY 2 : Hi, apareceu mais um.

PLAYBOY 1 : Joga nele também.

O Playboy 2 começa a jogar o líquido em Severino.

SEVERINO : Vocês estão presos.

PLAYBOY 2 : (para de jogar o líquido, rindo) Olha só, ele tá prendendo a gente.

PLAYBOY 1 : (rindo) Deve ser doido, se achando policial.

SEVERINO : Sargento disfarçado Severino Silva.

PLAYBOYS : Quê?!

SEVERINO : E esse, o soldado Tomás. Quer dizer, Thomas.

PLAYBOY 1- (preocupado) É brincadeira, não é?

SEVERINO : (apontando) A câmera escondida está naquele poste. E tudo o que falarem será usado contra vocês no tribunal.

PLAYBOY 2 : Isso não pode tá acontecendo!

SEVERINO : Tá sim, filho. E daqui a pouco chega a viatura.

PLAYBOY 1 : Quer dizer, que a gente vai ser preso?

SEVERINO : Obviamente, que sim. Estávamos atrás de vocês há um bom tempo. Que absurdo, botando fogo em morador de rua! Vão apodrecer na cadeia. Não acha, soldado Thomas?

THOMAS : (recuperando-se) Hã? Ah, sim, sargento. Acho perfeito.

PLAYBOY 2 : Não, não faz isso com a gente!

PLAYBOY 1 : Somos de menor.

O mendigo e o magnata

PLAYBOY 2 : E da sociedade.

PLAYBOY 1 : Sou filho de juiz.

PLAYBOY 2 : Eu, de empresário.

SEVERINO : E, daí?

PLAYBOY 1 : Sabe como é. Não vai dar em nada.

PLAYBOY 2 : Alivia pra gente, seu sargento.

PLAYBOY 1 : É, papai vai ficar muito grato com vocês.

SEVERINO : Só gratidão não me interessa.

PLAYBOYS : (se entreolhando, sorridentes) Nós entendemos.

O playboys pegam as carteiras, abrem, tiram o dinheiro. O Playboy 2, entrega seu dinheiro ao Playboy 1, que junta tudo.

PLAYBOY 1 : (oferecendo a Severino) Toma, é tudo o que temos.

SEVERINO : (confere) Oitenta conto, soldado Thomas, o que acha?

THOMAS : Hã?

SEVERINO : Ele acha pouco e eu também. E essa mochila?

PLAYBOY 1 : Aqui só tem roupa e celular.

THOMAS : (animando-se) Celular?!

Os playboys balançam afirmativamente a cabeça.

THOMAS : Agora acho razoável.

SEVERINO : Tudo bem. Mas venham aqui.

Os playboys se aproximam de Severino, que dá uma forte bofetada em cada um.

SEVERINO : Isso é pra respeitar a autoridade.

PLAYBOYS- (submissos) Sim, senhor.

SEVERINO : Agora, dêem o fora.

Os playboys vão se afastando, apressados.

PLAYBOY 1 : Certo, tá certo!

Os playboys saem.

SEVERINO : Eu te falei pra tomar cuidado com os playboys.

THOMAS : Aqueles malucos iam mesmo me queimar!

SEVERINO : Pois é. Eles acham que morador de rua é lixo e querem incinerar do mesmo jeito.

THOMAS : (apontando com o queixo pra mochila) Verdade que aí tem um celular?

Severino olha dentro da mochila.

SEVERINO : Tem dois.

THOMAS : (levantando-se, ligeiro) Me dá um!

Severino põe a mochila no chão. Segura os dois celulares, um em cada mão, oferecendo a

Thomas.

SEVERNINO: Qual vai querer?

THOMAS : (pegando um celular a esmo) Qualquer um (começa a discar, ansioso).

SEVERNINO: E o dinheiro? Tem direito à metade.

THOMAS : (levando o celular ao ouvido) Não, pode ficar pra você. Já peguei o que queria. Alô, Geraldo?... Sim, sou eu.... Não, tô bem.... Vem me buscar aqui na... (olha pros lados cima, dá alguns passos. Mirando uma placa invisível) achei, na Avenida Comendador... se é a que fica perto do cinema Botafogo? (pra Severino, tapando o celular) Onde fica o cinema Botafogo?

Severino aponta numa direção.

THOMAS : (ao celular) Isso mesmo... Vem, agora, agora mesmo.... E, Geraldo... vê se não demora!... (pra Severino) Era meu motorista. Mande ele me buscar. (vibrando) Enfim, vou pra casa!

SEVERNINO : Que bom!

THOMAS : Ai, obrigado. Tô tão feliz! Feliz de verdade. Acho que vou aceitar até uma dose.

SEVERNINO: Como?!

THOMAS: Uma dose daquela sua bebida.

SEVERNINO: Da Rasga Peito?!

Thomas balança afirmativamente a cabeça.

SEVERNINO : Não disse que jamais iria beber cachaça?

THOMAS : Foi, mas preciso mudar os meus conceitos. Serve uma dose generosa pra mim.

SEVERNINO : É pra já!

Severino pega a garrafa, bota pinga nas latas. Brindam. Bebem simultaneamente de um gole só, fazem careta e um gesto, batendo indicador no polegar.

SEVERNINO E THOMAS: Ai, marvada!

Pausa.

THOMAS: E você, não vai ligar pra ninguém?

SEVERNINO: Não tenho ninguém pra ligar.

THOMAS: Ninguém?!

SEVERNINO: Tenho uns parentes lá no Ceará. Mas eles já devem ter se esquecido de mim.

THOMAS : Por que não liga?

SEVERNINO: Já não me lembro do número. Vim pra cá há tanto tempo.

THOMAS : Sabe, tenho muito a te agradecer.

SEVERNINO : Agradecer pelo quê?

THOMAS : Não deixou que me queimassem. Salvou a minha vida

SEVERNINO : Que é isso! Fiz o que achei certo.

THOMAS : Como se conforma em viver assim, largado, na rua? Não tem nenhum sonho?

O mendigo e o magnata

SEVERINO : Eu não me conformo. É que não tem jeito.

THOMAS : Então, tem um sonho?

SEVERINO: E quem não tem?

THOMAS : Qual é?

SEVERINO : Ah, eu tenho muitos. Mas o que eu (com o olhar perdido) mais quero é voltar pro Ceará, rever minha gente, comprar um sitiozinho e viver longe da cidade.

THOMAS : Vou te dar dinheiro, pra transformar esse sonho em realidade.

SEVERINO : Eu não posso aceitar.

THOMAS : Não pode?!

SEVERINO : Não. Só vai me dar, porque salvei tua vida. Não vou querer dinheiro por isso.

THOMAS : Mas não vai me fazer falta.

SEVERINO : Já disse que não quero, e ponto final.

THOMAS : Ok. Então, vou te contar um segredo.

SEVERINO : Vou avisando que não sou bom em guardar segredo.

THOMAS : Tudo bem, se você contar ninguém vai mesmo acreditar.

SEVERINO : Ah, é?! E que raios de segredo é esse?

THOMAS : Eu também me chamo Severino.

SEVERINO : Como é que é?!

THOMAS : Me chamo Severino Sampaio, nascido em Itapipoca, também no Ceará.

SEVERINO : Quer dizer que é cearense igual a mim?

THOMAS : (balança afirmativamente a cabeça) E viciado numa rapadura e carne de sol.

SEVERINO : Mas por que esse negócio de se chamar Tomás, Thomas?

THOMAS : É que eu vim novinho pra essa terra.

SEVERINO : Já rico?

THOMAS : Não, no Pau-de-arara Express, como a maioria dos Severinos.

SEVERINO : E pelo visto se deu bem.

THOMAS : Como a minoria dos Severinos. Mas resolvi mudar de nome e ser o Thomas pra crescer na vida. O pessoal daqui pensa que Severino é sinônimo de porteiro.

SEVERINO : Ah, filho de uma égua! Dá um abraço aqui.

Abraçam-se. Entra um belo carro, desenhado numa placa de compensado ou outro material leve. Pára quase em frente aos dois.

SEVERINO : O teu motorista chegou.

THOMAS : Então, não vai mesmo querer o dinheiro?

SEVERINO : Jamais. Só se caísse do céu.

THOMAS : Então, (acenando pra Severino) adeus.

Severino retribui o aceno. Thomas entra no carro e parte.

SEVERINO : (ri) Que coisa doida! (deitando-se) Ê, diazinho cheio de surpresa!

É melhor eu dormir ou, quem sabe, acordar. (dorme)

A luz apaga. Pausa. A luz acende. Severino dorme. Thomas entra com cuidado, olhando pros lados, ridiculamente disfarçado de mulher, com uma peruca loira, blusa feminina, uma saia por cima da calça e sapatos de couro. Leva um saco com um \$ estampado. Chega perto de Severino. Levanta o saco de dinheiro, pra jogar na cabeça.

THOMAS : Bem, eu não tenho culpa. Foi tu mesmo que disse que só aceitaria a grana se caísse do céu.

Joga o saco na cabeça de Severino, sai correndo, perde um sapato, volta pra buscar.

SEVERINO : (acordando, grogue) Ei, moça!

Thomas desiste de pegar o sapato e sai correndo.

SEVERINO : (levanta. Passando a mão na cabeça) Que mulher maluca! (olhando pro saco) Mas o que é isso?! (pega o saco, olha ao redor, vê o sapato) Hi, olha só. (pega o sapato) Ela esqueceu o sapatinho de couro, quarenta e quatro. (cheira) E, (faz uma careta) nossa! Essa carniça eu conheço. (dando um risinho malicioso, ao descobrir que era Thomas) Ah, espertinho! (examinando o saco) Vamos ver o que tem aqui. (abre, arregala os olhos) Puxa, quanto dinheiro!... Então, era isso. Mas eu não posso aceitar. (abanando a cabeça) Não, não posso. Disse que jamais iria querer a grana dele. (olhando pro interior do saco) Mas é tanta nota de cem! Tudo verdinha, verdinha! Acho que preciso mudar meus conceitos. (abre um sorriso) O Ceará que me guarde. Posso ser miserável, mas não sou burro! (sai saltitando)

FIM

O mendigo e o magnata